

Agricultura: considerações sobre a crise e perspectivas para 96

Julio Takeshi Suzuki Júnior*

É inquestionável o fato de que a agricultura desempenhou um importante papel na estabilização da inflação em patamares reduzidos. Contudo, esta atuação se deu à custa de uma profunda retração na renda agrícola, gerando inúmeros impactos sócio-econômicos.

A diminuição da rentabilidade da agricultura não atingiu de forma direta e imediata unicamente os produtores rurais, mas também os ramos estreitamente relacionados ao setor primário da economia, como a indústria nacional de máquinas agrícolas automotrizas. As vendas de colheitadeiras e tratores nos primeiros nove meses de 1995 foram 46% inferiores às registradas durante o mesmo período do ano anterior (tabela 1), refletindo as dificuldades enfrentadas pelas indústrias. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA) estima que as empresas do segmento, incluindo fábricas, fornecedores e concessionárias, demitiram aproximadamente 25 mil pessoas somente no período de abril a novembro.

TABELA 1 - VENDAS DE COLHEITADEIRAS E TRATORES, NO BRASIL - JAN-SET 1994/JAN-SET 1995

TIPOS	JAN-SET 1994 (unid.)	JAN-SET 1995 (unid.)	VARIAÇÃO (%)
Colheitadeiras	2 874	1 325	-53,9
Tratores ⁽¹⁾	31 201	17 069	-45,3
TOTAL	34 075	18 394	-46,0

FONTE: ANFAVEA

(1) Tratores de rodas e de esteiras.

Do mesmo modo, a comercialização de fertilizantes certamente finalizará 1995 com um desempenho abaixo do obtido no ano anterior. A sensível aceleração nas vendas verificada a partir de setembro, explicada pela liberação do crédito para a safra de verão, pela elevação dos preços de alguns produtos agrícolas e, mais recentemente, pela definição das regras para securitização das dívidas passadas, não impedirá a queda nas entregas totais do insumo este ano. Esta redução forçada do emprego de tecnologia provavelmente prejudicará os índices de produtividade da próxima safra, dependentes ainda das condições climáticas.

A crise no campo pode ser constatada pelo expressivo número de imóveis rurais postos à venda. No Paraná, segundo levantamentos preliminares do Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Deral), mais de 10 mil propriedades estão nessa situação, representando 2,3% do total de imóveis rurais do Estado. Entre os

meses de janeiro e setembro, os preços médios da terra declinaram cerca de 30%, em razão do aumento na oferta.

As adversidades enfrentadas pela agricultura provêm de alguns fatores, que se acentuaram ao longo do tempo. Primeiramente, podemos citar a falta de compensações tributárias mais efetivas diante dos altos subsídios incorporados aos produtos agrícolas importados. Esta posição, juntamente com a possibilidade de pagamento a prazo das importações, tem promovido uma concorrência desigual no mercado brasileiro, desestimulando o plantio de determinadas culturas. Embora seja necessário reconhecer que esta postura do governo federal vise à garantia do abastecimento interno e à inibição de pressões sobre os preços, provocadas por possíveis desequilíbrios nos níveis de oferta, as baixas alíquotas geralmente não são condizentes quando a produção nacional é suficiente para atender a demanda. A aceleração nas importações de grãos não é tão recente, conforme pode ser observado na tabela 2. Comparando-se a média do quadriênio 1987/1990 com o intervalo imediatamente posterior, observa-se uma notável ascensão nas compras externas.

TABELA 2 - IMPORTAÇÃO MÉDIA DE GRÃOS NOS QUADRIÊNIOS 87/90 E 91/94, NO BRASIL

PRODUTOS	87/90 (1 000 t)	91/94 (1 000 t)
Algodão	78	300
Arroz	349	940
Feijão	35	71
Milho	435	498
Trigo	1 817	4 643

FONTE: CONAB/DIPLA

A adoção da "âncora verde" do Plano Real representa um outro problema enfrentado pela agricultura. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado em outubro pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram colhidas 79,9 milhões de toneladas de grãos, volume 6,32% superior ao alcançado em 1994. A maior disponibilidade de alimentos motivou um comportamento descendente dos preços, agravado especialmente pela escassez de recursos financeiros oficiais para comercialização, contrariando as definições da política agrícola fixadas em agosto de 1994.

*Administrador de Empresas, técnico da equipe permanente desta publicação.

A defasagem cambial, embora não esteja penalizando as exportações de produtos primários de forma generalizada, já provocou a redução nas vendas externas de alguns itens importantes, podendo gerar indesejáveis excedentes internos. A soja em grão acumula uma retração de 41,5% nas exportações (tabela 3), passando de US\$ 1,313 milhão no período de janeiro a outubro de 1994 para US\$ 768 milhões no mesmo período de 1995. A redução nos preços (-9,5%) e no volume embarcado (-35,4%), segundo a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, é responsável por este resultado. As elevadas exportações de óleo bruto compensaram, em parte, o fraco desempenho do grão. A transferência da soja *in natura* para as indústrias fabricantes de óleo é consequência da maior atratividade do mercado interno, proporcionada pela sobrevalorização do real. Entretanto, a manutenção desta tendência depende da permanência dos atuais níveis de demanda nos mercados internacionais.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA, NO BRASIL - JAN-OUT 1994/JAN-OUT 1995

PRODUTOS	JAN-OUT 1994 (US\$ mil FOB)	JAN-OUT 1995 (US\$ mil FOB)	VARIAÇÃO (%)
Farelo	1 733 540	1 622 324	-6,4
Óleo Bruto	693 478	830 908	19,8
Soja em Grão	1 312 754	767 603	-41,5

FONTE: SISCOMEX

O maior obstáculo para o desenvolvimento agrícola brasileiro encontra-se na falência do atual modelo de crédito. Implantado nos anos 60, este sistema originou-se em um ambiente favorável, marcado pelo relativo fechamento da economia nacional e pela grande disponibilidade de recursos governamentais, garantindo mercado e farto capital de baixo custo aos produtores. A partir da década de 80, a eficiência do modelo começou a ser prejudicada pelas restrições orçamentárias da União e pela interrupção dos fluxos financeiros externos, atingindo inúmeros segmentos, por conta do efeito multiplicador da agricultura. O trigo representa o melhor exemplo dos efeitos da incapacidade governamental em continuar financiando intensivamente a atividade. O rápido processo de extinção do monopólio estatal de comercialização permitiu o recuo na produção de trigo de 6,034 milhões, em 1987, para cerca de 1,712 milhão em 1995.

As transformações na atual estrutura de crédito caminham para uma crescente atuação do setor privado, especialmente no que diz respeito ao custeio, pois a política oficial tende a priorizar cada vez mais a comercialização e o investimento. Uma maior parcela da safra de soja deverá ser vendida antecipadamente por meio das CPRs (Cédulas do Produto Rural). Entretanto, sua participação como opção de financiamento para os demais produtos agrícolas é irrelevante.

O esgotamento do atual modelo de crédito constitui o maior empecilho para o desenvolvimento agrícola brasileiro.

A captação externa de recursos poderá significar empréstimos de baixo custo aos produtores, possibilitados pelas reduzidas taxas de juros praticadas internacionalmente. Além disso, diminuirá os gastos do Tesouro Nacional no atendimento das necessidades dos agricultores. A única ressalva deste mecanismo refere-se à sua fragilidade com relação ao câmbio. Futuras desvalorizações da moeda nacional implicarão imediatamente o aumento dos encargos a serem pagos pelos tomadores dos empréstimos. O novo modelo de crédito deverá estar adequado aos novos padrões de concorrência impostos pela inevitável liberalização da economia, tornando imprescindível a modificação da estrutura tributária, atualmente limitadora da competitividade.

Apesar da desfavorável situação vivida pela agricultura, as previsões para 1996 com relação aos preços são animadoras. O mercado futuro aponta para valores consideravelmente superiores aos atin-

gidos em 1995, devido principalmente ao comportamento do mercado internacional. A expressiva retração dos estoques mundiais, a confirmação de queda na produção da maioria dos grãos (tabela 4) e a reversão da posição de alguns países tradicionalmente exportadores, que recorreram às importações diante dos problemas de abastecimento interno, explicam a tendência de alta no exterior, que certamente será acompanhada pelo mercado brasileiro.

TABELA 4 - PRODUÇÃO MUNDIAL DE GRÃOS - SAFRAS 94/95 - 95/96

PRODUTOS	PRODUÇÃO (milhões de toneladas)			ESTOQUE FINAL (milhões de toneladas*)		
	Safra 94/95	Safra 95/96	VARIAÇÃO (%)	Safra 94/95	Safra 95/96	VARIAÇÃO (%)
Trigo	522,22	533,47	+2,15	113,91	97,12	-14,73
Arroz Beneficiado	360,62	359,46	-0,30	48,53	42,77	-11,86
Grãos Forrageiros ⁽¹⁾	862,81	786,92	-8,79	134,50	89,12	-33,74
Milho	555,43	501,57	-9,69	92,11	60,35	-34,48
Soja	136,67	124,84	-8,65	21,39	16,29	-23,84

FONTE: USDA

(1) Milho, sorgo, cevada, aveia, centeio e arroz beneficiado.

Outro fator determinante para a ascensão dos preços no próximo ano será o declínio da safra brasileira 95/96. Estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgadas pelo Ministério da Agricultura em meados de dezembro indicam uma quebra de 8,4% a 10,6% em comparação à safra 94/95. Em outubro, os estudos apontavam uma queda

entre 4,63% e 9,08%. As adversidades climáticas dos últimos meses, especialmente a estiagem na região Sul, foram determinantes para os piores resultados. Infelizmente, muitos produtores não serão beneficiados pela alta dos preços agrícolas, pois a descapitalização e a falta de crédito limitaram a capacidade de investimento em produtividade.